

Cartografia do patrimônio cultural vivo do Bairro da Terra Firme, Belém-Pará

Vanessa Malheiro Morais

Universidade Federal do Pará.

Resumo

Os atos de levantar e cruzar informações sobre a cultura, o território e o patrimônio cultural do bairro, identificando e localizando indivíduos, grupos, instituições, lugares, saberes e fazeres locais, com o protagonismo dos próprios moradores, contribuiu diretamente na valorização das manifestações culturais e expressões artísticas da comunidade. Para o mapeamento participativo, foram confrontadas e somadas, as metodologias do processo cartográfico e a dinâmica da diversidade do patrimônio cultural do bairro, enquanto modalidade investigativa da realidade social. Os resultados apresentados contemplam o levantamento cadastral, o diagnóstico sociocultural e a construção das bases cartográficas, que são os documentos cartográficos de dados socioculturais.

Palavras-chave: Bairro Terra Firme; cartografia temática; patrimônio cultural; mapeamento participativo.

sume

The act of identifying and crossing information about the culture, the territory and the cultural patrimony of the district by identifying and locating individuals, groups, institutions, places, local knowledgements and its makings with the protagonism of its own residentes, contributed directly in the valorization of the cultural manifestation and artistic expressions of the community. For the participative mapping, were confronted and added to the methodologies of the cartographic process with the dynamics of the districts cultural patrimony's diversity, as a investigative modality of its social reality. The results presented contemplate the cadastral survey, the social cultural diagnostic, and the construction of cartographic bases that are a cartographic documento f social cultural data.

Keywords: Terra Firme's district; thematic cartography; cultural patrimony; participative mapping.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte de um projeto acadêmico que aborda temas teóricos e práticos da museologia, do patrimônio cultural e da cartografia analógica, temática e digital. O projeto é oriundo do Programa de Extensão Universitária, da Universidade Federal do Pará (UFPA), que forneceu apoio, por meio de patrocínio, aos III e IV Prêmios PROEX de Arte e Cultura, sob o Eixo "Memória e Patrimônio", com os títulos: "Intervenções Museológicas no Bairro da Terra Firme", em 2013; e "Cartografia Cultural do Bairro da Terra Firme", em 2014.

Essa sinergia originou-se na experiência profissional da autora nas áreas das ciências da terra, adquiridas ao longo de sua formação técnica e tecnológica nas áreas de mineração (1998), sensoriamento remoto e geoprocessamento (2006). O projeto permitiu confrontar e somar o conhecimento cartográfico às teorias e práticas museológicas, a partir da conexão dos conhecimentos adquiridos ao aparato tecnológico do método.

As fundamentações teóricas adotadas no desenvolvimento da pesquisa provêm de: GUARNIERI (2010), que debate a relação do indivíduo com seu bem cultural e a construção de um conhecimento museológico, que é baseado em um processo de interdependência, reciprocidade, conexão e coerência; VARINE (2013), que traz os conceitos de patrimônio comunitário e de desenvolvimento local; e MARTINELLI (2009), que vislumbra o mapa temático como um meio de

registro, pesquisa e comunicação.

O bairro Montese, mais conhecido como o bairro da “Terra Firme” é um dos mais tradicionais e populosos de Belém, capital do Estado do Pará. Com cerca de 61.439 habitantes, segundo as estimativas do Censo Demográfico (IBGE, 2010a). O bairro é integrante da maior área de periferia de Belém e teve sua urbanização moderna iniciada em meados da década de 1940. Esse nome vem das características geográficas que recebem influência direta das bacias do rio Tucunduba e do rio Guamá.

Apesar de localizado em área insalubre e apresentando baixos índices de IDH e renda, a comunidade está aberta ao diálogo, sendo, por diversas vezes, fruto de estudos científicos relacionados aos seus problemas sociais, culturais, ambientais e econômicos. Sua localização privilegiada abriga várias instituições de ensino e pesquisa importantes da capital, tais como, a Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), a Escola de Aplicação da UFPA, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), as Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. (Eletronorte) e o Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO).

Trata-se de uma tarefa complexa, que pretende contribuir com novos dados do patrimônio cultural comunitário, ao apontar novas formas de comunicação e valorização do patrimônio vivo de grupos, indivíduos, manifestações culturais e expressões artísticas. A construção da base cartográfica foi necessária pela ausência (à época do desenvolvimento do trabalho) de qualquer outra fonte de informação georreferenciada de dados culturais confiáveis acerca do bairro Montese (Terra Firme). Vale ressaltar que a falta desses documentos inspirou a participação dos moradores e dos grupos culturais existentes que formaram uma rede de cooperação local, preocupados com a costura de um tecido social participativo, para a elaboração de um documento oficial cartográfico: o Mapa das Manifestações Culturais e Artísticas do Bairro da Terra Firme.

O TERRITÓRIO FIRME

O nome Terra Firme vem das características geográficas do lugar; que, por influência direta das bacias do rio Tucunduba e do rio Guamá, fez com que seus primeiros ocupantes, as etnias indígenas dos tupinambás e tupi-guarani, se posicionassem numa estreita faixa de “terra firme”.

Seus terrenos, pelas características topográficas, sofrem a influência das chuvas e das marés, pela proximidade com um dos afluentes do rio Guamá – *igarapé Tucunduba* – que margeia a cidade de Belém, apresentando-se permanente ou temporariamente alagados, na maior parte do ano. (SILVA & SÁ, 2012, p. 176)

Não obstante, a ocupação da região amazônica, impulsionada pelos governos militares, após o Golpe de Estado de 1964; e, depois, pelos grandes projetos governamentais; impulsionaram um fluxo migratório expressivo de populações, advindas de várias regiões brasileiras e estrangeiras. Na década de 1990, o bairro experimentou novo crescimento populacional, com pessoas que fugiam da especulação imobiliária nas zonas mais centrais da cidade, o que resultou em significativa

elevação no preço dos imóveis:

Terra Firme foi um nome cunhado ironicamente pelos moradores do bairro em razão da área possuir, na época da ocupação, poucas porções de terra firme. Tal denominação é atribuída, ainda, a ocupação inicial de uma estreita faixa de terra considerada "Terra Firme", que ao longo do tempo não foi suficiente dado o intenso fluxo populacional. (SILVA & SÁ, 2012, p. 177)

O processo de ocupação permaneceu durante um longo período, em meio às ordens e investidas policiais, que pressionavam a população para sua desocupação. Marcados por um processo de resistência e de pertencimento, passaram por muitos anos sem apoio do governo, ocupando uma zona de exclusão, dentro da própria cidade. De maneira que tiveram que encontrar soluções para suas moradias, como as palafitas em madeira que até hoje possui uma arquitetura vernacular.

Na atualidade, o bairro continua com altos índices de pobreza e a evidente carência de serviços públicos relacionados aos quatro eixos do saneamento básico (abastecimento de água potável, coleta e tratamento de esgoto, manejo de resíduos sólidos e manejo de águas pluviais). Os índices de violência continuam elevados e a população é estigmatizada por todo esse conjunto de fatores e questões sociais, políticas e econômicas; sendo os habitantes, por muitas vezes, estereotipados como criminosos, dentro de um imaginário social da cidade.

Ao mesmo tempo, com dados alarmantes e tal complexidade social, o bairro possui uma expressiva representação cultural e artística, pois os "encontros culturais encorajam a criatividade" (BURKE, 2003, p. 17). Nesse sentido, a diversidade do patrimônio local se liga ao passado, operando por uma série de elementos constitutivos; que, por sua vez, são inventados e reinventados pela própria identidade social, ao passo que o ritmo da vida cotidiana se acelera e se fragmenta, deslocando, desaparecendo ou transformando a comunidade.

ENTRE A MUSEOLOGIA E A CARTOGRAFIA

A museologia, ao contrário do que se possa pensar, não é a "ciência dos museus", nem mesmo seu objeto de estudo é restrito a esse tipo de instituição. A museologia pode explicar o processo sociocultural entre a humanidade, o objeto e o cenário (no qual se encontram), a partir do espaço geográfico (ou ambiente cultural), em que os indivíduos se sintam representados. Procura ainda, através "do cenário real vivido entender as relações sociais e as possíveis consciências dentro da realidade que ali se encontram, através de uma visão espacial, temporal e das perspectivas e prospectivas do homem e da sociedade" (GUARNIERI, 2010 p. 133).

A histórica Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972¹, enfatizou o surgimento do conceito de "Museu Integral", que devolve a condição de sujeito histórico à comunidade para a pesquisa, a preservação e a difusão de seu patrimônio cultural e artístico, permitindo assim, o vislumbre de um processo de autogestão e de liberação social. Este evento oportunizou também, o desenvolvimento de novos pensares, fazeres e saberes científicos, adaptados às culturas regionais e locais. Neste aspecto, foram sendo criados novos modelos de museus, como, por exemplo:

"ecomuseu", "museu de território", "museu de percurso", "museu de vizinhança", "museu comunitário", "museu digital e virtual", entre outros; o que, por sua vez, se diferem do museu tradicional, a partir de suas práticas sociais, missões e ambientes ecológicos associados.

A museologia, como conhecimento científico que se renova, possui no cerne teórico a interdisciplinaridade, pois adota, em seu trabalho, metodologias oriundas de diversas áreas, tais como da antropologia, da comunicação, das ciências da informação e das ciências naturais.

[...] esse conhecimento não é apenas racional e sistemático, mas também é prático, no qual a prática e a razão se constroem num processo de interdependência, reciprocidade, conexão e coerência [...]. A interdisciplinaridade deve ser o método de pesquisa e de ação da Museologia. (GUARNIERI, 2010, p. 126)

A cartografia caminha lado a lado com o progresso da Ciência e do conhecimento; enquanto que a Ciência pode oferecer e evidenciar a complexidade da Natureza e da dinâmica social, em constante expansão. Dessa maneira, buscou-se explorar as sinergias possíveis entre a museologia e a cartografia, para composição de um saber científico e popular na produção de mapas representativos da realidade em interface com a diversidade do patrimônio cultural imaterial (que é, por sua vez, o lugar das identidades sociais).

O território é dinâmico e fronteiriço, como a favela da Amazônia paraense. Os indivíduos relacionando-se um com o outro, de forma heterogênea e complexa, em diferentes situações e contextos, representados por sua cultura material e imaterial e que compõem o cenário da diversidade cultural do bairro, de forma comunitária e simbólica do mais notável ao mais modesto, formam um patrimônio cultural vivo que possui sua representatividade e contém um sentido para os habitantes do bairro.

O patrimônio de natureza comunitária [...] emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças. (VARINE, 2013, p. 44)

Assim, o mapa do patrimônio cultural é um meio de comunicação e expressão de um tema ou referência a ser explorado, que precisa de suportes técnico, tecnológico e artístico; para sua representação gráfica, sua exposição, seu objetivo e função social.

UM TERRITÓRIO, UM MAPEAMENTO E A BASE CARTOGRÁFICA CULTURAL DO BAIRRO DA TERRA FIRME

A construção da base cartográfica do patrimônio cultural do bairro da Terra Firme iniciou com a aquisição das imagens do satélite SPOT5, do ano de 2013. Os mapas foram produzidos através do sistema de informação geográfica (SIG) ArcGIS®v.1.8. Foram criadas máscaras sobre a imagem de satélite, contendo informações geográficas, no formato vetorial *shapefile* (.shp). A análise preliminar do território se deu por meio das imagens orbitais adquiridas com auxílio do

Google Earth®, em 15/10/2013; que forneceram informações importantes a respeito da área estudada. As imagens obtidas eram de 25/07/2011 e foram utilizadas no respectivo trabalho entre o período de 2013 a 2015.

No que tange às convenções cartográficas, destacamos o uso de coordenadas planas em UTM para o trabalho. Foram usadas as bases cartográficas da Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Pará (SEMA), que continham informações referentes à divisão geopolítica e à delimitação geográfica dos bairros Guamá, Canudos, Marco e Universitário; assim como, de algumas ruas, avenidas, canais, pontes e do rio Tucunduba.

As análises cartográficas forneceram informações importantes sobre os limites e as fronteiras geopolíticas dos grupos culturais, assim como, da representação do rio Tucunduba, onde sua margem é urbanizada com pontes, estruturas arquitetônicas em palafitas de madeira e trafegável com elevada densidade populacional. A principal ponte do rio Tucunduba liga o bairro do Guamá com o da Terra Firme. O rio ainda se liga a outros três igarapés, que foram pavimentados durante o processo de urbanização da cidade e hoje com canais pertencentes às avenidas Cipriano Santos, Gentil Bittencourt e Mundurucus. As principais vias de acesso são pela Av. Perimetral, Av. Cipriano Santos, Ponte do Tucunduba e Av. Celso Malcher.

A primeira noção do espaço geográfico é essencial para a elaboração de um mapa. Esta fase serviu para a caracterização dos fenômenos geográficos, populacionais, geopolíticos e territoriais, que foram fontes balizadoras de orientação para o mapeamento participativo dos pontos e dados sociais, culturais e econômicos de indivíduos, grupos, lugares e instituições. De maneira tal, que os mapas a seguir, nas Figuras 1 a 3, representam a distribuição espacial, a divisão socioespacial dos grupos mapeados; e os laços afetivos e territoriais.

MAPA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO BAIRRO DA TERRA FIRME

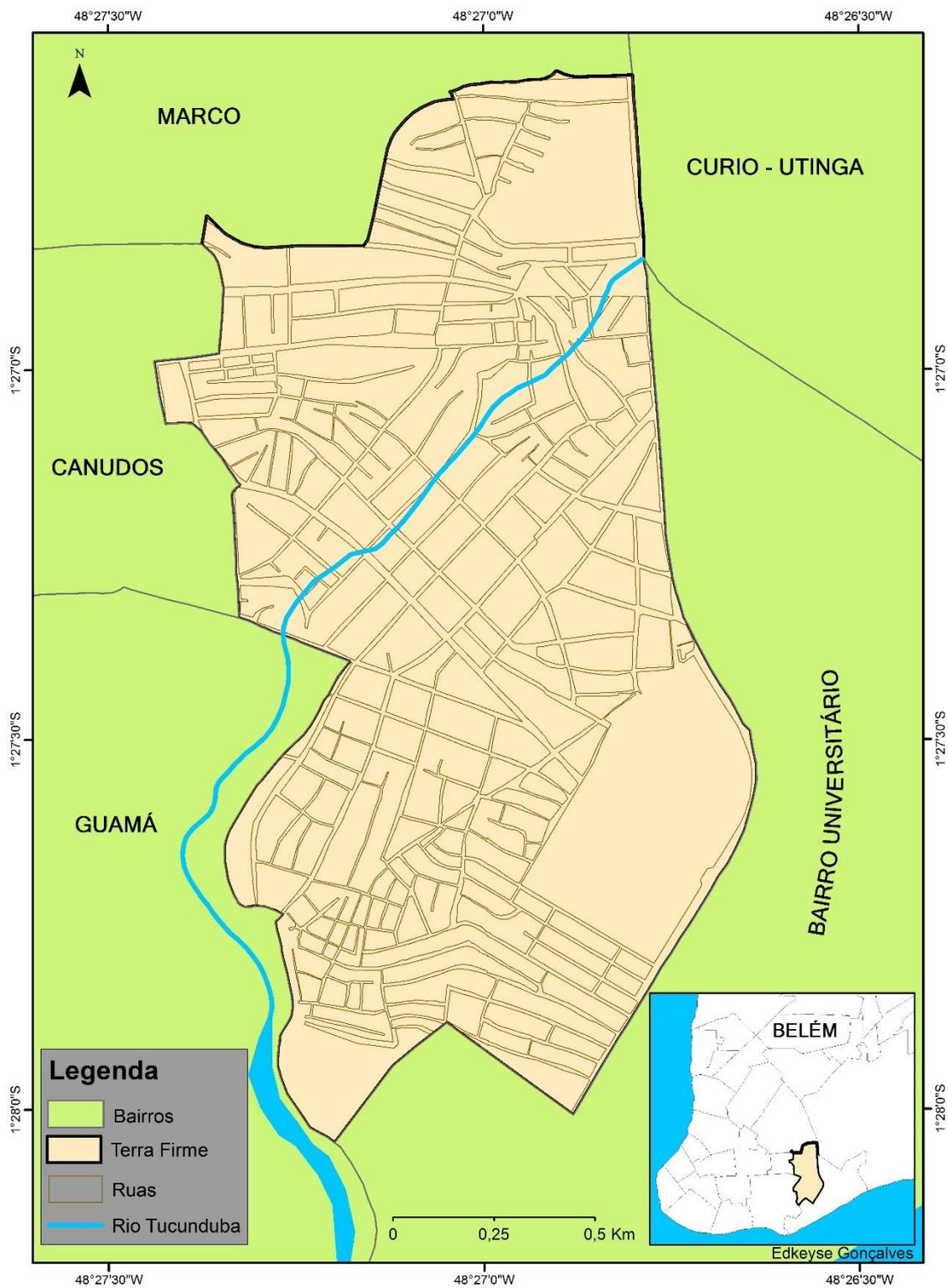


Figura 1. Mapa de localização das representações culturais do Bairro da Terra Firme, 2014.

Elaborado pela autora.

Através das etapas de um processo cartográfico básico, a metodologia de campo mapeou, identificou e cadastrou grupos culturais *in loco*, que foi acompanhado de um roteiro para o diagnóstico sociocultural (Figura 2). Adicionalmente, foram coletados pontos georreferenciados (com auxílio do Global Positioning System ou Sistema de Posicionamento Global², com uso de aparelho da marca Garmin III), referentes às manifestações culturais mapeadas por meio de entrevistas, ao longo do processo de pesquisa. Cada grupo mobilizado teve seu perfil básico descrito, com auxílio da aplicação de um questionário, a fim de destacar seu potencial patrimonial; e, relacionando assim, sua realidade e sua dinâmica social.

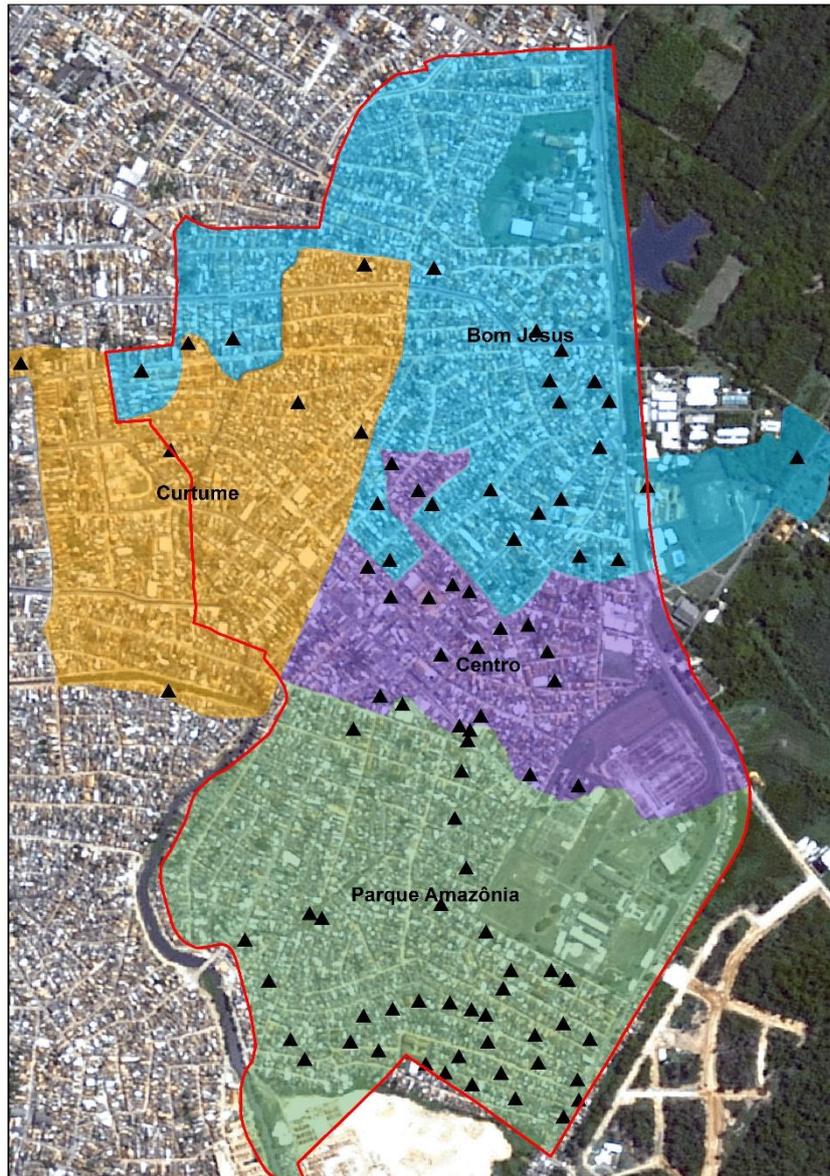


Figura 2. Mapa de localização e subdivisões dos grupos.

Elaborado pela autora, 2014.

Na medida em que o processo cartográfico registrava e identificava os sujeitos e os lugares,

integrando manifestações culturais, expressões artísticas, estudantes, pais, moradores, professores, pesquisadores, parceiros, representantes de órgãos públicos e demais instituições de interesse constituiu-se uma rede de cooperação local, composta por um tecido social de aproximadamente 268 pessoas (Figura 3). As ações de sensibilização e de valorização do patrimônio cultural permearam todas as fases da pesquisa. O processo partiu de um fazer técnico e teórico, o qual respeitou as diferenças e as especificidades locais, associadas às diferentes formas de intervenção participativa, a fim de alcançar ampla representatividade social, pois reconhece que o indivíduo constitui a ação e, portanto, agencia seu bem cultural.

A produção artística da legenda do mapa se deu através da articulação da educação patrimonial e da intervenção social no bairro, dentro de um contexto de aprender fazer. Essa dinâmica serviu para que as pessoas identificassem suas próprias referências culturais que foram posteriormente vetorizadas e inseridas ao mapa abaixo. Sendo elas: Artes Plásticas, Dança, Ensino, Lugares, Movimento Religioso, Movimento Social, Música, Ofício e Teatro. Assim, os atores puderam inferir sobre a base cartográfica através da construção coletiva do mapa das manifestações culturais e artísticas do Bairro da Terra Firme.

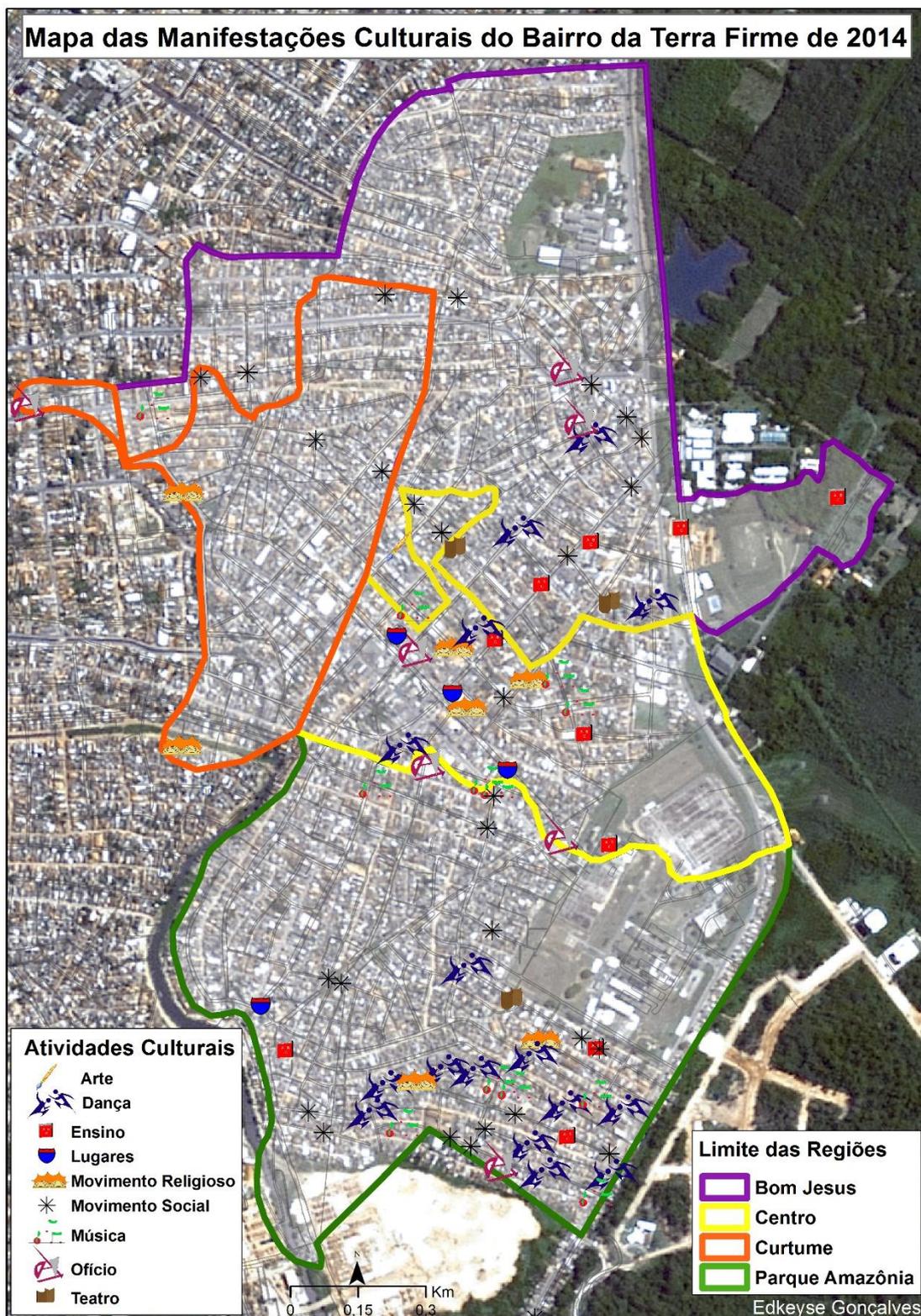


Figura 3. Mapa das Manifestações Culturais e Artísticas do Bairro da Terra Firme.

Elaborado pela autora.

No bojo sociocultural, o bairro conta com uma população jovem (de 05 a 25 anos), formada por 22.995 pessoas, o que corresponde a 37% da população daquele território; já a população adulta é composta de 29.518 homens e de 31.921 mulheres. Em relação à renda, seguindo os dados disponíveis sobre o município de Belém (não desagregados por bairro), revela que a renda nominal mensal, de pessoas com 10 anos ou mais de idade, não ultrapassa dois salários mínimos, ou seja, de 83,7% de seus habitantes (IBGE, 2010b).

Atualmente, existem 90 grupos mapeados em nosso banco de dados que foram sistematizados e analisados. E dentre os resultados sobre a gestão cultural, as informações revelam que 64% dos grupos não possui informações sobre o acesso a financiamentos e recursos culturais; e cerca de 82% dos grupos não possui condições de dedicação exclusiva às suas atividades artísticas. Cerca de 90% avalia que não existe reconhecimento e valorização de suas atividades dentro da própria comunidade e do poder público. Também foi verificada a falta de placas de identificação das atividades culturais, associadas à dificuldade de acesso aos seus centros físicos, quando existentes.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O patrimônio cultural da Terra Firme é constituído por uma diversidade de manifestações populares, tradicionais e contemporâneas, com matrizes de referência afrodescendente e da cultura popular, que já foram homenageadas e intituladas como mestras da cultura local. Embora muito criativas em sua essência, tais manifestações carecem de reconhecimento dentro e fora da cidade, passando muitas vezes despercebidas; invisíveis, até mesmo dentro do próprio território. Ademais, a falta de perspectivas futuras e a fragilidade das políticas públicas culturais voltadas à realidade dessas comunidades carentes - talvez, pelo próprio desconhecimento da existência desta riqueza cultural, têm comprometido a difusão e a valorização do patrimônio vivo, assim como, sua perpetuação e a busca pela sustentabilidade no local onde habitam e articulam sua dinâmica social.

O conceito de cartografia cultural perpassa pelo campo processual e exploratório da dinâmica da cultura local, que parte de uma pesquisa de campo atravessada por ações - comunicacionais, educativas e tecnológicas; até a elaboração de um mapa. A identificação e o registro das manifestações, localizadas em áreas urbanas insalubres, necessita de apoio local, sensibilidade e parcerias para sua realização e efetivação do uso de ferramentas técnicas e tecnológicas, para o alcance da coesão, no seio da complexidade das relações sociais existentes. O alto custo de mão-de-obra especializada, dos equipamentos e dos programas torna-se outro obstáculo para a continuidade do registro das informações e dados culturais; que, por sua vez, são mutáveis e dinâmicos.

O patrimônio cultural da Amazônia representa um papel importantíssimo no cenário nacional e internacional, na defesa da sua pluralidade e diversidade, e na luta atual pelo seu reconhecimento. Os bens de natureza material e imaterial, incluindo os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira, dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social; que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e de lugares afetivos, tais como os mercados, feiras, praças e

santuários, que abrigam práticas culturais coletivas.

Por outro lado, os inventários e *dossiers*, entre outras formas de registro do patrimônio cultural, possuem limitações quanto à sua autonomia, seja pela própria dinâmica do trabalho institucional, como de equipamentos e mão-de-obra especializada; pois, o patrimônio cultural sofre transformações nos seus modos de criação, produção e gestão, à medida que estabelecem estratégias para sua sobrevivência, que desdobram-se em oportunidades e desafios, que permeiam as relações de valores, atitudes e opiniões desses fazedores de cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

VARINE, H. A **Mesa-Redonda de Santiago**. In: ARAÚJO, M.M. & BRUNO, M.C.O. (org.) A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos, Comitê Brasileiro do ICOM, p.17-19, 1995.

BRUNO, M.C.O.; ARAÚJO, M.M.; COUTINHO, M.I.L. (org.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. [S.l.; s.n.], 2010.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação**. Brasília: IPHAN, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e cartografia temática**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **A imagem figurativa e a imagem cartográfica no turismo**. In: III Encontro Nacional de Turismo de Base Local, Mesa Redonda “Turismo, Natureza e Educação”, Outubro de 1999, Manaus-AM.

_____. **Cartografia do turismo: Que cartografia é essa**. In: Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo Sol e Território, DG – FFLCH-USP, Julho de 1995, São Paulo - SP.

_____. **Cartografia e imaginário**. In: I Encontro Nacional de Turismo de Base Local, DG – FFLCH-USP, 1,2,3, Maio de 1997, São Paulo - SP.

SILVA, M.S.R.; SÁ, M.E.R. Medo na cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA). **Revista Argumentum**, v. 4, n.2, p. 174-188, 2012.

VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013, 256 p.

1 Mesa redonda convocada pela UNESCO, sobre o papel do museu na América Latina.

2 Aparelho de localização por satélite.